



Meu desenho mudou: os estilos gráficos empregados no tempo da pesquisa etnográfica

Francisca Raquel de
Oliveira Temoteo
Universidade de Brasília

PROA

doi: [10.20396/proa.v16i00.19231](https://doi.org/10.20396/proa.v16i00.19231)



artigos

O desenho acima continua a ideia de Favret-Saada (1977) de inclusão da pesquisadora dentro do campo com o passar do tempo, podendo ter suas ações observadas e etnografadas por si mesma, além das feitas sobre os observados. Em consonância, Lotierzo (2022) informa que o desenho como ferramenta pode capturar nuances e detalhes que muitas vezes escapam à escrita, proporcionando uma forma de conhecimento sensorial e emocional que complementa e enriquece os dados etnográficos tradicionais.

Rabiscando conclusões

A abordagem da prática do desenho neste estudo, como meio de registro, está intrinsecamente relacionada ao conhecimento científico da Antropologia. Neste contexto, a pesquisa em questão buscou examinar os potenciais interconexões entre a geração de conhecimento por meio da etnografia, e do desenho de memória, tanto seu quanto das interlocutoras. De acordo com Michael Taussig (2011), existem histórias que não podem ser fotografadas, muitas das quais o/a/e pesquisador/a/e não está presente.

Neste aporte, algumas abordagens, sobre o desenho, foram elaboradas, como a sua organização em meio ao texto, HQs para retratar histórias anteriores a ocupação, pranchas para os acontecimentos, e mão livre para retratar a relação entre a pesquisadora e as moradoras. Todos esses traços se cruzam no discurso de incorporação do desenho como uma ferramenta na promoção de uma observação mais atenta em relação ao sensível do campo.

Nesse pensar, Lotierzo (2022) propõe que o desenho pode ser um meio poderoso de engajamento reflexivo, permitindo aos antropólogos cultivarem e expressarem suas próprias ressonâncias emocionais e intelectuais com o campo de estudo. Esse é o ponto que enxergo nesta minha aventura em desenhar a ocupação e seus movimentos. O traço ganha diversas formas no decorrer dessa experiência, seja na frustração, apreensão e preocupação de não conseguir capturar a proposta inicial, até finalmente, após a abertura da mente, entender as melhores formas de retratar a vivência encontrada, evidenciando que a antropologia tem muito a ganhar com a incorporação do ato de desenhar em suas análises, estudos e perspectivas.

Desse modo, até mesmo o título deste artigo remete ao processo de desenhar no contexto da pesquisa antropológica, ao evidenciar que ainda há muitas trajetórias possíveis dentro da pesquisa, ou seja, experimentar é o ponto, nesse vasto e complexo campo das imagens. Tal perspectiva busca afastar a antropologia de um único modo de narrar, buscando incentivar a exploração de diferentes formas de expressão e representação.

